

COMO NASCE UMA PRESENÇA?

Apontamentos das intervenções de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 28 de setembro de 2013

Razón de vivir
La strada

Vinde Espírito Santo

DAVIDE PROSPERI

Bem-vindos. Digo isto de modo não formal, porque, se viemos, não foi por uma formalidade; termos vindo aqui e a todos os locais de Itália, ligados em directo via satélite, para participar neste gesto de todo o movimento, é para um juízo. E muitas vezes um gesto dá mais testemunho da verdade do que rios de palavras. Vimos isso até com frequência este ano, em muitos gestos que propusemos, que vivemos e em que participámos, também de toda a Igreja. E o juízo que nós afirmamos com este gesto é que temos uma certeza: sabemos – esta é a certeza – o que queremos seguir. Por isso estamos aqui. Recomeçar, recomeçar sempre, todos os anos, é o que faz aumentar a certeza e o desejo do destino em quem não quer desistir de caminhar.

«Como viver?» Escolhemos esta pergunta, a partir dos elementos que resultaram da reflexão sobre os Exercícios da Fraternidade, como tema do Verão, nas férias e nos encontros que temos vivido. Um título que, na sua simplicidade, abrange a todos, a tal ponto que mesmo quem não faz uma experiência como a nossa, mais cedo ou mais tarde, deve ter-se feito esta pergunta, porque diz respeito a todo e qualquer homem. Apesar da sua simplicidade representa um desafio extraordinário, porque para responder a esta pergunta não bastam palavras, não respondemos com um discurso ou com explicações que alguém nos dá ou que damos nós próprios, mas só vivendo; a resposta a esta pergunta é uma vida.

E é por isso, então, que todos os anos fazemos o esforço de julgar, de tentar julgar o que foi que vivemos no ano anterior, porque queremos crescer olhando em primeiro lugar para a nossa experiência. Desta vez vem em nossa ajuda a carta extraordinária que o Papa Francisco escreveu a Scalfari, publicada no *La Repubblica* em resposta às suas perguntas deste Verão. Sem qualquer presunção, apenas com imensa gratidão, creio que todos nos sentimos confortados pelas palavras do Papa, até repensando no percurso feito nestes anos. Escreve o Papa: «Para quem vive a fé cristã, isto não significa fuga do mundo nem vontade de qualquer hegemonia, mas serviço ao homem, ao homem todo e a todos os homens, a partir das periferias da história e mantendo desperto o sentido da esperança que impele a realizar o bem em todas as circunstâncias e com o olhar sempre fixo no além» (Francisco, «Carta a quem não crê», *La Repubblica*, 11 de setembro de 2013, p. 2).

Pensemos no que significam para nós estas palavras após as opções que fizemos este ano ao abordar, por exemplo, as eleições nacionais ao mesmo tempo que as da Região da Lombardia, quando, depois da aventura formigoniana, estávamos mais especialmente no centro das atenções. Na confusão geral desse tempo, em que todos os dias nasciam e morriam propostas de partidos, coligações e facções, a coisa para mim mais interessante foi que, quando nos encontrávamos para perceber como encarar o que ia sucedendo, nós

não nos contentámos com tentar alinhar pelo mal menor (recordamo-lo bem), mas aproveitámos a oportunidade para dizer: o que é que verdadeiramente, numa situação assim, nos interessa mais a nós? Qual é o coração da nossa vida? Para repetir a frase de *don* Giussani sempre citada entre nós: o que é que nós temos de mais caro para nós e para todos, para dizer a todos (e portanto também publicamente)? Essa foi a pergunta que nos fizemos perante a situação que se criara e sobre isto aceitámos verificar a nossa maturidade. Devo dizer que nesta verificação o caminho destes anos foi claramente o factor determinante, porque o juízo que se formou, e que depois – como estarão lembrados – foi publicado também numa *Nota de CL sobre a situação política e em vista dos próximos actos eleitorais* (2 de janeiro de 2013), foi que a única coisa que realmente temos a defender, a que não podemos renunciar, é a experiência que fazemos por aquilo que encontramos, e que a verificação de que isto é verdade é se é capaz de gerar uma presença original, testemunha da novidade que Cristo introduz na vida, um novo agente dentro da sociedade, em qualquer âmbito, até na política, e que isso se deve poder ver também numa situação confusa (como dizia o Papa: «Não [...] fuga do mundo nem vontade de qualquer hegemonia!»).

O caso da renúncia do Papa Bento XVI, algumas semanas mais tarde, colocou-nos perante o exemplo deste homem novo: porque quando o mundo inteiro viu sair pelas portas do Vaticano aquele homem, com todos à volta dele a chorar e ele com um ar seguro, feliz, aquilo foi para todos como um pico de consciência da estatura humana a que estamos chamados: em que consiste a nossa certeza humana? E o que é que produz em termos de relação com a realidade? Porque ali se compreendeu claramente: diante da aparente derrota, e não a um canto mas aos olhos de todos (porque para o mundo era uma derrota: já não tinha forças e teve de renunciar), como pode um homem ter aquele ar? Não dá para disfarçar numa situação destas, sabes que estão todos a olhar para ti. Como pode um homem ser assim?

Aquilo que cada um de nós procura na vida é sempre uma satisfação, é algo que cumpra realmente e sem meias medidas aquilo para que nos sentimos feitos. E muito do mal-estar e da dificuldade que com frequência vivemos nasce precisamente do facto de que, para nós, a satisfação, a realização desta satisfação depende daquilo que nós fazemos, do que nós produzimos e de que isso seja reconhecido pelos outros. Mas perante uma circunstância assim (pensemos também em quantas contradições ou derrotas cada um de nós tem ou é obrigado a enfrentar) é ou não possível uma satisfação plenamente humana? Nós somos feitos para a excepcionalidade, não seguramente para a banalidade, mas o ideal da vida é que a excepcionalidade, ou seja, esta grandeza, possa ser experimentável na normalidade, no quotidiano. Aquilo que satisfaz a vida é uma coisa que é dada, aquilo que satisfaz a vida é a relação viva (viu-se isso no gesto do Papa) com uma presença amada, que é dada, que é já dada, desejada, com A Presença amada, porque isso introduz na vida, em qualquer momento da vida, mesmo aos 86 anos, quando um homem parece que fracassou e não há mais tempo, introduz uma espera, uma certeza, um início novo; o que será para mim o amanhã? Se o meu hoje é a relação com esta Presença, então o amanhã é a descoberta, a curiosidade de ver como esta Presença tornará a manifestar-se de novo, a manifestar de novo a Sua vitória.

E isto tem-nos acompanhado nesta passagem, a par dos juízos de Carrón, dos juízos que têm surgido entre nós no caminho da nossa companhia durante o ano, em particular por ocasião da Assembleia Nacional de Responsáveis de CL em Pacengo, quando se tornou claro que verdadeiramente para nós o que confere consistência à vida é esta satisfação, graças à qual a certeza não é de alguém que já sabe tudo e depois, no máximo, a tem de explicar aos outros, mas no fundo para si não espera mais nada, uma

certeza – digamos – sabichona, presunçosa; não, a nossa é uma certeza curiosa. É uma certeza à partida, que nos atira sempre em frente. Retomo ainda a carta do Papa Francisco: «Resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuirmo-la nós, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos» (*Ibid.*).

A nossa certeza – isto é, em síntese, o que eu descobri mais precisamente este ano através de tudo aquilo que temos vivido – não é que já sabemos como vai acabar, mas que o queremos descobrir. Porque a verdade que Cristo introduziu na nossa vida é uma presença, a Sua presença. E isso lança-nos no alto mar. Ainda o Papa: «Eu não falaria – nem mesmo para aqueles que acreditam – de verdade “absoluta” dando ao termo absoluto o sentido daquilo que está desligado, que carece de qualquer relação» (*Ibid.*). Porém a verdade, e a experiência que fazemos comprova-o, é uma relação. Mas isto não é somente verdade para nós, é verdade para todos, mesmo para quem o nega ou porventura não o sabe. Razão pela qual, junto à pergunta inicial – «Como viver?» – logo surgiu outra: «Qual é a nossa obrigação? O que estamos a fazer no mundo?». No Meeting deste ano fomos provocados imediatamente, no primeiro dia, por esta pergunta no *Corriere della Sera*: queremos-nos converter numa facção ou queremos testemunhar uma presença original?

À luz de tudo quanto vivemos, pergunto: o que significa a nossa presença no mundo?

JULIÁN CARRÓN

COMO VIVER?

Enquanto neste Verão preparava os Exercícios dos *Memores Domini*, calhou a Festa de Santa Maria Madalena; a Liturgia propunha dois textos nos quais se tornava transparente como a Igreja nos queria introduzir na contemplação desta mulher segundo toda a expectativa e toda a tensão que vivia. O primeiro era uma passagem do *Cântico dos Cânticos*, que descreve o que era a vida para uma pessoa como Maria: «No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama; procurei-o e não o encontrei. Vou levantar-me e dar voltas pela cidade: pelas praças e pelas ruas, procurarei aquele que o meu coração ama. Procurei-o e não o encontrei. Encontraram-me os guardas que fazem ronda pela cidade: “Vistes aquele que o meu coração ama?”» (*Ct 3,1-3*). Ao escutá-lo, disse para mim: como eu gostava de ter um pouco desta paixão! Porque Maria testemunha o coração que cada um de nós desejaria ter no mais fundo do próprio ser, pois o eu de cada um de nós é esta busca de um amor que nos segure perante os desafios da vida.

Ao ler o texto do Evangelho surpreendeu-me que se pudessem distinguir as duas perguntas que nos tínhamos dado para o trabalho deste Verão: «Como viver?» e: «O que estamos a fazer no mundo?».

«No primeiro dia da semana, Maria de Magdala foi de manhãzinha, ainda escuro, ao túmulo do Senhor.» O que moveu aquela mulher, a ponto de não conseguir ficar na cama e a pôr-se a caminho tão cedo, de madrugada, quando ainda estava escuro? «E viu a pedra retirada do túmulo. Correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, aquele que Jesus amava. E disse-lhes: “Tiraram do túmulo o Senhor e não sabemos onde O puseram”» (*Jo 20,1-2*).

«E ficou a chorar junto do túmulo, da parte de fora [Assim é a vida. Como viver? Sem encontrar aquela presença, sem encontrar aquela presença amada, o amor da nossa alma, cada manhã é de fazer chorar. Depois podemos-nos distrair ao longo do dia, mas a vida

continua a ser uma coisa de fazer chorar se cada um de nós não encontrar o amor da sua alma, aquele amor que torna cheia de significado, de intensidade, de calor a vida]. Enquanto chorava, debruçou-se para dentro do túmulo e viu dois Anjos vestidos de branco, sentados, um à cabeceira e outro aos pés, onde estivera deitado o Corpo de Jesus. Os anjos perguntaram a Maria: “Mulher, por que estás a chorar?” E ela respondeu-lhes: “Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, ali de pé, sem saber que era Ele. Disse-lhe Jesus: “Mulher, por que estás a chorar? A quem procuras?” [Eis o nexos: «A quem procuras?»]. Procuo o amor da minha alma, procuro aquela presença que pode preencher a vida, por isso a Igreja nos introduz na contemplação de Madalena com esta passagem do *Cântico dos Cânticos*, que nos fala de uma mulher em busca do amor da sua alma]. Pensando que era o jardineiro, ela respondeu-lhe: “Senhor, se foste Tu que O levaste, diz-me onde o puseste para eu O ir buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria”? Ela voltou-se respondeu-Lhe em aramaico: “Rabuni!” – que quer dizer: “Mestre!”. Tornou-lhe Jesus: “Não Me detenhas, que ainda não subi para o Pai. Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para o Meu Pai e Vosso Pai, Meu Deus e Vosso Deus”. Maria de Magdala foi [imediatamente] anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”. E ajuntou o que Este lhe tinha dito» (Jo 20,11-18).

Nesta passagem temos a resposta a ambas as perguntas: «Como viver?» e: «O que estamos a fazer no mundo?». Só respondendo à primeira, «Mulher, por que estás a chorar? A quem procuras?», ou seja, encontrando a presença que procura e que responde ao seu pranto, é que Maria teve alguma coisa a comunicar e a ir dizer aos outros: «Vi o Senhor».

É uma grande consolação para cada um de nós que isto tenha acontecido a uma pessoa desconhecida como Maria Madalena, porque nos ajuda a entender que não há nenhuma condição prévia, não é necessário estar à altura de nada, não é preciso nenhum dote especial para O procurar. Esta busca pode inclusivamente estar quase escondida no fundo do ser, sob todos os detritos do nosso mal ou do nosso esquecimento, mas nada a pode evitar, assim como ninguém pode impedir aquela mulher de procurar. Para surpreendermos em nós mesmos esta tensão não é preciso mais do que aquela «moralidade original», aquela abertura total, aquela coincidência total com nós próprios, aquele não distanciamento de si que leva a dizer: «No meu leito, toda a noite, procurei aquele que o meu coração ama», «Vistes aquele que o meu coração ama?». É aquela abertura original que vemos noutros personagens do Evangelho, pobres coitados como nós, mas a quem ninguém pode impedir de procurá-Lo, como Zaqueu, que sobe à árvore todo curioso por ver Jesus, ou a Samaritana, sequiosa e desejosa da única água que pode satisfazer a sua sede. Em face destas figuras evangélicas não existem álbis: todos eles uns pobres coitados como nós, mas todos firmemente decididos a procurá-Lo, definidos pela busca d’Ele e pela paixão por Ele que desarma todas as nossas preocupações, todas as nossas argumentações moralistas para justificar o nosso não procurá-Lo. Nenhum de nós tem dificuldade em imaginar o que terá sucedido neles quando Jesus, debruçando-Se sobre o seu nada, os chamou pelo nome. Como terão ficado espantados! Como se terá inflamado ainda mais a paixão por Ele, a vontade de procurá-Lo!

«Maria!» Como terá vibrado toda a humanidade de Jesus para poder dizer o seu nome com um tom, com uma inflexão, com uma intensidade, com uma familiaridade tais que Madalena O reconheceu logo, quando tão-só um minuto antes O tinha confundido com o jardineiro. «Maria!» É como se toda a ternura do Mistério chegasse àquela mulher através da vibração da humanidade de Jesus ressuscitado, agora sem véus, mas nem por isso menos intensa, ao contrário, com toda a humanidade de Jesus ressuscitado vibrante

por existir aquela mulher. «Maria!» Então se percebe como foi que naquele momento ela compreendeu quem era. Pôde compreender quem era porque Ele fez vibrar toda a sua humanidade até lhe fazer sentir uma tal intensidade, plenitude, superabundância que nunca antes teria conseguido imaginar, e que só podia atingir na relação com Ele. Sem Ele nunca teria sabido quem era nem o que a vida podia ser e tornar-se, que intensidade de plenitude a vida podia atingir.

O que é o cristianismo senão aquela presença vibrante pelo destino de uma mulher desconhecida, que lhe faz entender o que Ele trouxe, o que Ele é para a vida? Que raça de novidade entrou na história através da modalidade com que Cristo o comunica! Jesus fez-nos perceber o que é o cristianismo dizendo a uma mulher: «Maria!» É esta comunicação do ser, de «mais ser», de «mais Maria» que revela àquela mulher quem é Jesus. Não é uma teoria, ou um discurso, ou uma explicação, mas um acontecimento que tocou todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, entraram em relação com Ele, e que os Evangelhos, na sua simplicidade desarmante, comunicam da forma mais ingênua, mais simples que pode haver, simplesmente pronunciando o nome: «Maria!», «Zaqueu!», «Mateus!». «Mulher, não chores!» Que comunicação de Si se deve ter produzido neles para marcar tão intensamente a vida deles, a tal ponto que já não se podiam dirigir a nada, já não podiam olhar a realidade, olhar para si mesmos, a não ser revestidos daquela Presença, daquela voz, daquela intensidade com que o nome deles fora pronunciado.

Percebe-se a comoção que percorre todas as páginas do Evangelho perante uma experiência como esta. Nós infelizmente já nos habituámos e deixamos de acusar, tantas vezes, o impacto; já é tudo óbvio, tudo sabido! Mas vemos que não é necessariamente assim quando um homem como o Papa Francisco nos testemunha o seu espanto hoje: «A síntese melhor, aquela que me vem mais de dentro e que sinto mais verdadeira, é exactamente esta: “Sou um pecador para quem o Senhor olhou”. [...] “Sou alguém que é olhado pelo Senhor» («Entrevista do Papa Francisco às revistas dos Jesuítas», de Antonio Spadaro, *Revista Brotéria*, Agosto/Setembro de 2013, Volume 177).

Todo aquele acontecimento, aquela modalidade única de relacionar-se com o outro, de um «Eu», Jesus, que entra em relação com um «tu», Maria, fazendo-a tornar-se ela própria, aquele: «Maria!» que emociona aquela mulher, a aflição que a invadiu, vê-se no modo como ela responde: «Rabuni! Mestre!» E na sobriedade do Evangelho, São João comenta: «Ela voltou-se» ao ouvir o seu nome. A conversão é isto, qual moralismo! A conversão é um reconhecimento: «Mestre!» É a resposta ao amor de Alguém que, dizendo o nosso nome com uma intensidade afectiva nunca antes vista, nos faz descobrir que somos nós próprios. Reconhecê-Lo é a resposta a esta paixão de Alguém por ela que reacende toda a capacidade afectiva daquela mulher, porque Alguém a chamou pelo nome até gerar aquela relação nova com as coisas que se chama «virgindade»: «Não Me detenhas», diz Jesus a Madalena, não é preciso fazê-lo. Qualquer outra coisa é nada relativamente a um instante desta intensidade afectiva que Maria viveu com Jesus.

É sob a pressão desta comoção que ela se pode dirigir a Jesus com aquela paixão com que diz: «Rabuni! Mestre!» Com efeito, a resposta de Maria é toda ela fruto daquela modalidade com que se sentiu chamada pelo nome, surge toda daquela comoção única que Jesus provocou nela. Qual moralismo! Nem em sonhos! Foi unicamente sob a pressão da comoção pela comunicação do ser através de Jesus que Maria não conseguiu evitar dizer: «Mestre!» com toda a sua afeição.

O ACONTECIMENTO QUE TODO O HOMEM

INCONSCIENTEMENTE ESPERA

Esta aflição que aquela mulher sentiu dentro de si, que estava inicialmente na humanidade de Jesus toda vibrante de paixão por aquela mulher e se fez carne para se comunicar através da Sua carne, através da Sua comoção, através do Seu olhar, através da Sua maneira de falar, através do Seu tom de voz, é esta a novidade que entrou na história e que hoje, como ontem, o homem, cada um de nós, espera. «O homem de hoje», dizia *don* Giussani no Sínodo sobre os leigos de 1987, «espera talvez inconscientemente a experiência do encontro com pessoas para quem o acontecimento de Cristo é realidade tão presente que a vida deles mudou. É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: “Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa”» (L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, Milão, Bur, 2003, p. 24).

Foi este acontecimento que nos investiu também a nós. Através da pessoa de *don* Giussani este acontecimento, o eco do acontecimento inicial, alcançou-nos, através da sua humanidade e da sua vibração por Cristo, de que somos testemunhas, tanto assim que muitos de nós não estaríamos aqui se não o tivéssemos tocado, se não tivéssemos sido arrebatados pela maneira como ele nos comunicou Cristo. Passaríamos a estar mais cientes do que nos aconteceu no encontro com *don* Giussani lendo a sua biografia, que agora está à nossa disposição. Foi ele que fez chegar até nós, hoje, a vibração que atingiu Maria, a mesma de então, não «como» a de então, mas «aquela» de então, a mesma de então, aquele mesmo acontecimento que atingiu Maria. É cada um tem de olhar para a sua própria experiência, tem de recuar até à origem daquela sua pulsão inicial para ver surgir precisamente dali o primeiro alvor, o primeiro desejo de pertença a Cristo. Não existe outra fonte de pertença senão a experiência do cristianismo vivido como acontecimento agora. E bastou apenas isso para nos dar uma vontade louca de ser «Seus».

Como sempre, é *don* Gius quem nos ajuda a tomar consciência do alcance de tudo aquilo que nos aconteceu; na verdade, «o que é o cristianismo senão o acontecimento de um homem novo que, por natureza, se torna protagonista novo na cena do mundo?» (*Id.*, p. 23), porque a questão fundamental é que aconteça esta criatura nova, esta nova criação, este nascimento novo.

INÍCIO DE UM CONHECIMENTO NOVO

Só se uma Presença tão forte assim invadir a nossa vida é que não temos necessidade de pôr o braço à frente dos olhos para nos defendermos dos golpes das circunstâncias e assim poder viver. Contudo, nós muitas vezes somos feridos de tal maneira pelo embate das circunstâncias que se bloqueia o caminho do conhecimento, e então tudo se torna verdadeiramente sufocante, porque é como se apenas víssemos a realidade pelo buraco da ferida. Como Maria, que via a realidade através o seu pranto e não via mais nada; nem sequer reconhece Jesus! Então aparece Ele, chama-a pelo nome, e reabre a partida, permite-lhe reconhecê-Lo, começar a ver a realidade de maneira diferente, porque a Sua presença é mais forte que qualquer ferida e qualquer pranto, e então abre novamente o nosso olhar de par em par para poder ver a realidade na sua verdade. «Foi olhado e então viu», dizia Santo Agostinho acerca de Zaqueu (Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4). Amigos, como seria diferente a vida se cada um de nós deixasse entrar aquele olhar, fosse qual fosse a nossa ferida!

É por isso que Giussani insiste no facto de Jesus ter entrado na história para nos educar num conhecimento verdadeiro do real, porque nós pensamos já saber o que vem a ser a realidade, mas sem Ele o medo assalta-nos, bloqueia-nos e então sufocamos nas

circunstâncias. Porém com Jesus tudo se reabre, é como se Ele nos dissesse: «Vede que Eu vim para vos educar na verdadeira relação com o real, naquela atitude certa que vos permite um olhar novo sobre o real». Se nós não fizermos essa experiência, deixando entrar continuamente o Seu olhar, a Sua presença, vivemos a realidade como todos os demais. Só se Jesus entrar, tornando possível o conhecimento novo, é que nós vamos poder introduzir no mundo uma maneira diferente de estar na realidade. Todas as circunstâncias nos são dadas para isto, para nos provocar a este conhecimento novo, para ver o que é Jesus: uma Presença que nos permite viver o real de um modo diferente, novo. E isso faz descobrir que as circunstâncias todas não são uma objecção, como tantas vezes nós as entendemos por não sermos capazes de ver o atractivo que elas encerram, de tal forma somos definidos pela ferida; nós já as reduzimos porque pensamos já saber o que é a circunstância, pensamos já saber que não há nada de novo a descobrir dentro dela, que apenas há que suportar e somente nos resta o esforço moralista de ver se estamos à altura de suportar aquele sufoco.

E, no entanto, só reaparecendo uma Presença como aquela que apareceu a Madalena é que o percurso do conhecimento não se bloqueia e o olhar se escancara, porque nós temos muito mais que o «saber» as respostas a todas as objecções ou a todos os desafios, nós temos «a» resposta; mas a resposta não consiste, como nós pensamos, em ter um manual de instruções para viver, porque o manual de instruções se fez carne, é uma Presença, é o Verbo, o conteúdo é uma presença, o conteúdo é um Tu, o Tu que alcançou Maria. É por isso que, se a verdade está desligada, privada desta relação, não se compreende. Como escreveu o Papa Francisco a Eugenio Scalfari: «A verdade, segundo a fé cristã, é o amor de Deus por nós em Jesus Cristo. Portanto, a verdade é uma relação!» (Francisco, «Carta a quem não crê», op. cit., p. 2). Como é para uma criança. A criança sabe que não sabe muitas coisas, mas uma coisa sabe: que existem o pai e a mãe que sabem, então qual é o problema? Se eu estou certo (é esse o valor da certeza de que Davide Prospero falava) desta Presença que invade a vida, posso enfrentar qualquer circunstância, qualquer ferida, qualquer objecção, qualquer embate, qualquer ataque, porque tudo isso me abre a esperar a modalidade com que o Mistério se vai tornar vivo para me sugerir a resposta – para me acompanhar a entrar mesmo na escuridão –, que há-de aparecer segundo um desígnio que não é o meu.

Que diferença na maneira de estar no real quando uma pessoa tem perguntas, quando uma pessoa tem questões em aberto, porque é então, quando se recita as Laudes ou quando se faz silêncio, ou quando se escuta um amigo, ou quando se toma café, ou quando se lê o jornal, que nós estamos mais propensos a descobrir, a interceptar qualquer migalha de verdade que possa vir ao nosso encontro! Assim tudo se torna interessante porque, se eu não tivesse a pergunta, se eu não tivesse a ferida, se eu não tivesse uma abertura total, nem sequer a conseguia distinguir, nem sequer me dava conta. Por isso o nosso é um «caminho humaníssimo», não feito de alucinações ou de visões, mas como participação numa «aventura de conhecimento» que nos faz descobrir cada vez mais o atractivo que existe dentro de toda e qualquer limitação, dentro de toda e qualquer dificuldade, porque qualquer objecção ou qualquer circunstância, ainda que dolorosa, encerra sempre algo de verdadeiro, caso contrário não existiria.

O QUE ESTAMOS A FAZER NO MUNDO?

É daqui, de uma experiência de vida assim, que podemos responder à pergunta: «O que estamos a fazer no mundo?». Nós temos vindo a compreender cada vez melhor, não apesar das circunstâncias, mas propriamente atravessando as circunstâncias, qual é o nosso dever. Como de resto sucedeu sempre na vida do movimento, recorda-nos *don*

Giussani, e agora podemos compreender muito melhor o que nos dizia em 1976, porque o ano de 1976 fora o resultado de se terem atravessado momentos na vida do movimento em que tinha vindo à luz o que significava o nosso estar no mundo; então dizia que há duas possibilidades de estar presentes no real: como «presença reactiva», o seja, que resulta de uma reacção nossa, ou como «presença original», ou seja, que nasce daquilo que nos aconteceu.

«Reactiva significa determinada pelos passos de tudo o que não é nós: apresentar-se [no real] com iniciativas, utilizar discursos, realizar instrumentos não originados como modalidade total da nossa personalidade nova, mas sugeridos pelo uso de palavras, pela realização de instrumentos, pela modalidade de atitude e de comportamento dos adversários». Como «ainda estamos a jogar no terreno dos outros», definido pelos outros, então «uma presença reactiva não pode deixar de cair em dois erros: ou se torna uma presença reaccionária, agarrada às suas posições como “formas”, sem que os conteúdos [...] sejam tão claros que se tenham tornado vida [...]; ou então [é apenas uma] imitação dos outros». Pelo contrário, «*uma presença original* [é] uma presença segundo a nossa originalidade» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*, Milão, Bur, 2006, p. 52, 65). Ou seja, presença é realizar a comunhão com Cristo e entre nós. Aquilo que Maria, Mateus, Zaqueu introduzem no real é uma posição definida por aquela comunhão com Ele que a Sua comoção produziu, comunicada ao dizer o nome deles. E quando isto sucede com cada um de nós, a comunhão entre nós exprime-se como presença segundo a nossa originalidade.

UMA PRESENÇA ORIGINAL

«Uma presença é original quando surge da consciência da própria identidade e da afeição a ela, e nisso encontra a sua consistência» (*Id.*, p. 52), porque é isso que satisfaz verdadeiramente a vida, como Giussani sempre nos disse citando São Tomás: «A vida do homem consiste no afecto que principalmente o sustenta e no qual encontra a maior satisfação» (*Summa Theologiae*, IIa, IIae, q. 179, a. 1 co.). A consistência da vida é onde nós encontramos a maior satisfação.

Qual é, pois, a nossa identidade? «*Identidade é saber quem somos e por que existimos*, com uma dignidade que nos dá o direito de esperar da nossa presença “um melhor” para a nossa vida e para a vida do mundo.» E quem somos nós? «Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Pois quantos de vós recebestes o baptismo de Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; todos vós sois um só em Cristo Jesus.» (Cf. *Gal* 3,26-28). Mas aquilo que sucedeu no Baptismo, para nós tornou-se historicamente e conscientemente perceptível no encontro com o movimento; só então compreendemos o alcance do que havia sucedido, daquela luta que Cristo começou connosco no Baptismo para nos conquistar, como *vir pugnator*. Nós tomámos consciência dela quando, encontrando o movimento, fomos conquistados por meio daquela modalidade com que foi dito o nosso nome. E então compreendemos o que São Paulo quer dizer quando escreve: «Quantos de vós recebestes o baptismo de Cristo, fostes revestidos de Cristo» (Cf. *Gal* 3,27).

«Não fostes vós que Me escolhestes, mas Eu vos escolhi a vós» (*Jo* 15,16). «É uma escolha objectiva que nunca arrancamos de nós, é uma penetração do nosso ser que não depende de nós e que não podemos nunca cancelar [é esta a nossa identidade]. [...] Não existe nada – diz *don* Giussani – de culturalmente mais revolucionário do que essa concepção da pessoa, cujo significado, cuja consistência é uma unidade com Cristo, com Outro, e, através desta, uma unidade com todos os que Ele prende, com todos aqueles que o Pai Lhe entrega nas mãos» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza*, op.

cit., p. 53-54). É isto que nós temos de entender porque, vemos isso na pequenez da nossa vida, esta concepção da nossa pessoa – que só é esta porque há Alguém que repete o nosso nome, de contrário ainda estávamos por aí a chorar pelo facto de viver – não é uma abstracção, é uma experiência mais do que uma concepção; e precisamente daqui brota uma autoconsciência de nós que é como aquele nada em Maria, que não conseguiu mais olhar para si mesma como antes, mas totalmente determinada por aquele «Maria!».

«A nossa identidade é estarmos identificados com Cristo. A identificação com Cristo é a dimensão constitutiva da nossa pessoa. Se Cristo define a minha personalidade, vocês, que foram arrebatados por Ele, entram necessariamente na dimensão da minha personalidade. [...] [Por isso] quer eu esteja sozinho no meu quarto, quer estejamos três reunidos para estudar na universidade, ou vinte na cantina [...], em qualquer parte e de qualquer modo é essa a nossa identidade. O problema é pois a autoconsciência, o conteúdo da consciência de nós mesmos: “Já não sou eu que vivo, és Tu que vives em mim” [Por isso a nossa identidade se manifesta nesta autoconsciência nova]. Este é o verdadeiro *homem novo* no mundo – o homem novo que foi o sonho de Che Guevara e o pretexto enganador para revoluções culturais com que o poder tentou e tenta ter o povo na mão, para o subjugar segundo a sua própria ideologia –; e nasce primeiramente não como coerência, mas como *autoconsciência nova*».

«A nossa identidade manifesta-se numa experiência nova dentro de nós [no modo de viver qualquer circunstância e qualquer desafio do real] e entre nós: a experiência da *afeição a Cristo e ao mistério da Igreja, que na nossa unidade tem a sua concretude mais aproximada*. A identidade é a experiência viva da afeição a Cristo e à nossa unidade.»

«A palavra “afeição” é a maior e mais abrangente de toda a nossa expressividade. Ela indica muito mais um “apego” nascido do juízo de valor – do reconhecimento daquilo que existe em nós e entre nós – do que uma facilidade sentimental, efêmera, instável como folha à mercê do vento. E na fidelidade ao juízo, ou seja, na fidelidade à fé, com a idade, esse apego aumenta, torna-se mais túrgido, vibrante e forte.»

UM FACTO DENTRO DO QUAL NAUFRAGAR

«Esta experiência viva de Cristo e da nossa unidade é o lugar da *esperança*, e portanto da fonte do *gosto* pela vida e do florescimento possível da *alegria* – que não é forçada a esquecer ou a renegar nada para se afirmar –; e é o lugar da recuperação de uma *sede de mudança da própria vida*, do desejo que a própria vida seja coerente, mude por acção daquilo que ela é no fundo, seja mais digna da Realidade que tem “em si”».

«Dentro da experiência de Cristo e da nossa unidade vive a paixão pela mudança da própria vida [não da justificação dos nossos erros!]. E é o oposto do moralismo: não uma lei à qual adaptar-se, mas um amor ao qual aderir, uma presença a seguir cada vez mais com todo o nosso ser [*Mamma mia!*], um facto no qual realmente naufragar [para sermos todos envoltos por este amor sem fundo e sem limite: «um facto no qual realmente naufragar»]. [...] O desejo de mudança de si, pacato, equilibrado e ao mesmo tempo apaixonado, torna-se então uma realidade quotidiana [o desejo de ser Seus, de Lhe pertencer mais, de O procurar continuamente] – sem sombra de beatice ou de moralismo –, um amor à verdade do próprio ser [de buscador da pessoa amada], um desejo belo e incómodo como uma sede.» (*Id.*, p. 54-56).

Mas tudo isto tem de amadurecer, porque estamos ainda confusos, continua *don Giussani*. Se este início pequeno, embrionário, não se tornar maduro, à primeira tempestade é arrastado. Nós nunca poderemos resistir «se aquele tom inicial não se torna maduro: não podemos mais aguentar como cristãos a montanha enorme de

trabalho, de responsabilidade e de fadigas a que somos chamados. Não se coagula, realmente, as pessoas com iniciativas [não é isso que dá consistência]; aquilo que coagula é o tom verdadeiro de uma presença, que é dado pela Realidade que está entre nós e que temos “em nós”: Cristo e o Seu mistério tornado visível na nossa unidade».

«Prosseguindo no aprofundamento da ideia de presença – continua *don Giussani* –, é preciso então redefinir a nossa comunidade. A comunidade não é um coágulo de gente para realizar iniciativas [1976!], não é a tentativa de construir uma organização de partido [1976!]: *a comunidade é o lugar da efectiva construção da nossa pessoa*, ou seja, da maturidade da fé. [Cada qual tem de decidir entre seguir *don Giussani* ou seguir as suas ideias acerca do que diz *Giussani*]».

«Objectivo da comunidade é *gerar adultos na fé*. É de adultos na fé que o mundo precisa, não de profissionais fantásticos ou trabalhadores competentes, porque destes a sociedade está cheia, mas todos são profundamente contestáveis na sua capacidade de criar humanidade».

«O método com que a comunidade se converte em lugar de construção de maturidade da fé para a pessoa é [...]: “seguir”. [...] *Seguir* quer dizer identificar-se com pessoas que vivem com mais maturidade a fé, [atenção!] *envolver-se numa experiência viva*, que “passa” (*tradição*, tradição) o seu dinamismo e o seu gosto para dentro de nós [é isto o naufragar numa experiência viva, num facto]. Este dinamismo e este gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não na conclusão de uma lógica, mas como que por pressão osmótica [vejam!]: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de um outro que começa a mover-se dentro da nossa vida [qual manual de instruções ou fazer apenas o que dizem os outros! Mas o coração de um Outro que começa a vibrar dentro do nosso coração]».

«Daqui surge a ideia fundamental da nossa pedagogia da *autoridade*: verdadeiramente autorizadas para nós são as pessoas que nos envolvem com o seu coração, com o seu dinamismo e com o seu gosto, nascidos da fé. Mas *autoridade real é então a definição da amizade*».

«A amizade verdadeira é a *companhia profunda ao nosso destino* [...] [por isso vem sempre à cabeça a imagem, que nos é tão familiar, de Pedro e João, de olhos esbugalhados correndo para o sepulcro, juntos tendendo para o destino. Cada qual pode fazer a comparação com o conceito habitual de amizade que vive. Juntos tendendo para o destino. Não a “não amizade”, mas que amizade!]. E não é uma questão de temperamento [...]: a amizade verdadeira sente-se no coração da palavra e no gesto da presença.» (*Id.*, p. 57-59). É necessário que tudo entre na vida assim, «a fé como “reagente” sobre a vida concreta, de tal modo que somos levados a ver a identidade entre a fé e o humano que se tornou mais verdadeiro [podemos verificar assim que, vivendo a vida na fé do Filho de Deus que deu a Sua vida por nós, tudo se torna mais verdadeiro] – na fé o humano torna-se mais verdadeiro [e isto ou é uma experiência nossa sempre mais verdadeira, que se verifica cada vez mais, ou podemos continuar a “permanecer” no movimento e o nosso coração estar desviado para outra parte, e não por mal, mas simplesmente porque não nos consegue prender]».

«Tudo isto tem de passar a ser verdade em nós, e é para isso que o tempo nos é dado. A busca da verdade é a aventura pela qual o tempo se tornou história», adquire o seu valor enquanto tempo. Caso contrário – diz – nós sucumbimos à «tentação da utopia», ou seja, a repor, a escorregar depositando «a nossa esperança e a nossa dignidade num “projecto” gerado por nós» (*Id.*, p. 61-62).

AQUILO QUE SALVA O HOMEM

Chegado a este ponto *don* Giussani faz o elenco de todos os passos da história do movimento e diz: «Nós não entrámos na escola procurando formular um projecto alternativo para a escola [prestem atenção agora]. Entrámos nela *com a consciência de levar Aquilo que salva o homem também para a escola*». E o mesmo podemos dizer de tudo. A seguir fala de quando isto se começou a nublar em 1963 e em 1964 e depois em 1968. Mas olhem o que diz: o que foi que traíram aqueles que se foram embora, aqueles que não foram leais, fiéis àquele início original? O que foi que traíram? A presença. O que traímos nós? A presença, se nós não estivermos enraizados no início. Não a «não presença», porque podemos encher a nossa vida de coisas, como eles a enchiam de iniciativas. O que haviam traído? O que traímos nós? A presença, não a ausência. «O projecto tinha substituído a presença» (*Id.*, p. 63-64). Agora compreendemos isto bem. Nós vimos o que ganhámos favorecendo determinadas facções, mas só agora nos começamos a dar conta de quanto perdemos, em termos de presença, de presença original, da nossa originalidade. Temos de escolher se nos tornamos uma facção ou uma presença original. Isto não quer dizer que, para ser de todos, seja preciso não ser de ninguém. Pelo contrário. Para ser de todos é preciso ser de Alguém, porque só Ele nos pode dar aquela satisfação de que falava o Davide, que nos torna livres para sermos verdadeiramente nós mesmos, para sermos uma presença original e não reactiva.

Que estamos a fazer no mundo? «*A novidade é a presença* – prossegue *don* Giussani – enquanto consciência de trazer “em si” algo de definitivo – um juízo definitivo sobre o mundo, a verdade do mundo e do humano –, que se exprime na nossa unidade. A novidade é a presença como consciência de que a nossa unidade é o instrumento para o renascimento e para a libertação do mundo.» (*Id.*, p. 65). Não podemos substituir isto por quaisquer imagens ou projectos que tenhamos nossa na cabeça. Como escreveu o cardeal Scola na sua última Carta Pastoral: «Não se trata de um projecto, muito menos de um cálculo. Cheios de gratidão, os cristãos pretendem “restituir” o dom que imerecidamente receberam e que, por isso, exige ser comunicado com igual gratuidade.» (A. Scola, *Carta Pastoral «O campo é o mundo»*, Milão, Centro Ambrosiano, 2013, p. 40).

Por que razão nos vem a tentação de substituir a fé por um projecto? Porque pensamos que a fé, a comunidade cristã como presença, não é suficientemente influente, não é capaz de alterar a realidade e por isso achamos que temos de ser nós a acrescentar alguma coisa, não como expressividade daquilo que nós somos – é inevitável que nos exprimamos –, mas como um acréscimo porque à fé faltaria qualquer coisa para ser concreta, como se a Jesus faltasse alguma coisa e tivesse de acrescentar outra coisa ao testemunho de Si; pensaram assim todos aqueles que julgavam que o cristianismo vivido na tradição não bastava para estar presentes, e nós pensamos que o movimento às vezes não basta. Por isso, esta é uma oportunidade preciosa para aprofundar a questão: o que somos? O que estamos a fazer no mundo?

«*A novidade* – diz ainda *don* Giussani – *é a presença deste acontecimento* de afeição nova e de nova humanidade, é a presença deste *início do mundo novo* que nós somos. A novidade não é a vanguarda mas o Resto de Israel, *a unidade daqueles para os quais aquilo que aconteceu é tudo* [não uma parcela a que é preciso acrescentar algo mais; aquilo que aconteceu é tudo!] e que espera apenas o manifestar-se da promessa, o realizar-se daquilo que está dentro do acontecido. A novidade não é, pois, um futuro a perseguir, não é um projecto cultural, social e político: a novidade é a presença. [Que peso adquirem, agora, estas palavras! Vemo-lo testemunhado todos os dias pelo Papa Francisco: não precisa de nada mais que expor-se a ele, desarmado, diante de todos porque] ser presença não quer dizer não exprimir-se: também a presença é uma

expressividade» [mas é uma coisa bem diferente] (*Dall'utopia alla presenza*, op. cit., p. 65-66).

A diferença reside na diversidade da expressividade.

«A utopia tem como modo de expressão o discurso, o projecto e a procura ansiosa de instrumentos e de formas de organização. A presença tem como modo de expressão uma amizade operante, gestos de uma identidade diversa que se expõe em tudo, usando de tudo (os bancos, o estudo, a tentativa de reforma da universidade, etc.), e que mostram ser, antes de mais, gestos de humanidade real, ou seja, de caridade. Não se constrói uma realidade nova com discursos ou projectos organizativos, mas vivendo gestos de humanidade nova no presente.» Cada um de nós, cada comunidade deve pensar nisto: como podemos introduzir no real gestos de humanidade real, ou seja, de caridade. Não é, portanto, «a abolição de uma responsabilidade», mas um modo diferente de conceber a responsabilidade. «Indiquei o que deve acontecer para que possamos trabalhar mais, incidir mais na realidade, e com uma letícia cada vez maior, não com um desânimo e uma amargura que nos dividem uns dos outros. O dever que nos espera é a expressão de uma presença consciente, capaz de criticismo e de sistematicidade. Tal dever implica um trabalho. O trabalho é o manifestar-se da nossa identidade dentro da materialidade do viver. A minha identidade, na medida em que penetra a materialidade do viver, ou seja, na medida em que está dentro da condição existencial, trabalha e faz-me reagir» (*Id.*, p. 66, 69).

Todas estas coisas nos dizia em 1976, mas nos anos 1990 *don* Giussani insiste de novo, e consegue radicalizar ainda mais a questão: «Desde a *Equipe* de 1976, cujo título era *Da utopia à presença* foi feito um caminho que nos leva agora a apurar e depurar a palavra presença: é preciso apurá-la e depurá-la [...] porque a presença está na pessoa, única e exclusivamente na pessoa, em ti [ou seja, na criatura nova]. A presença é um assunto que coincide com o teu eu. A presença nasce e consiste na pessoa. [...] É aquilo que define a pessoa como intérprete e protagonista de uma presença é a clareza da fé [isso vê-se bem no Papa Francisco], é aquela clareza da consciência que se chama fé, aquela clareza da consciência que naturalmente se chama inteligência, porque a fé é o aspecto último da inteligência, é a inteligência que atinge o seu horizonte último, que identifica o seu destino, identifica aquilo em que tudo consiste, identifica a verdade das coisas, identifica onde está o justo e o bem, identifica a grande presença, aquela grande presença que permite a manipulação transfiguradora das coisas, graças à qual as coisas se tornam belas, as coisas se tornam justas, as coisas se tornam boas e tudo se organiza na paz. A presença é toda ela consistente na pessoa, nasce e consiste na pessoa e a pessoa é inteligência da realidade até tocar o horizonte último» (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*, Milão, Bur, 2013, pp. 142-143).

É por isso que as duas perguntas – «Como viver?» e «O que estamos a fazer no mundo?» – vão a par. O factor que as une é a pessoa, porque nos podemos iludir enchendo a vida de iniciativas para evitar converter-nos a Ele. Mas é tão diferente quando as iniciativas são expressão desta conversão, da nossa pertença a Ele. Como nos recorda *don* Giussani, «a presença de Cristo, na normalidade do viver, implica cada vez mais o pulsar do coração: a comoção da Sua presença torna-se comoção na vida quotidiana e ilumina, entenece, embeleza, adoça o andamento da vida quotidiana, cada vez mais. Não há nada inútil, não há nada alheio, porque não há nada alheio ao teu destino, e portanto não existe nada a que não nos possamos afeiçoar [não suportar, mas afeiçoar!], a tudo nos afeiçoamos, nasce uma afeição a tudo, tudo, com as suas consequências magníficas de respeito por aquilo que fazes, de precisão naquilo que fazes, de lealdade com a tua obra concreta, de firmeza em perseguir a sua finalidade;

tornas-te mais incansável». Como diz uma passagem profeta Isaías: «Os jovens cansam-se e fatigam-se e até os homens feitos desfalecem. Os que esperam no Senhor recuperam as forças; crescem-lhes asas como às águias. Correm sem se fatigarem, caminham sem se cansarem.» (*Id.*, p. 103-104, VII).

UMA ALEGRIA GERADORA

Quando isto penetra no fundo do nosso ser, enche a vida de letícia. E este é o mais importante indicador que *don* Giussani nos deixa. Quantas pessoas conhecemos verdadeiramente felizes? Porque sem letícia não há geração, não há presença. É a letícia que liga as duas perguntas, «como viver?» e «o que estamos a fazer no mundo?», porque sem uma resposta para a primeira, também não há resposta para a segunda; e por conseguinte não há letícia. *don* Giussani insiste que a condição para gerar é a letícia: «A letícia é o reflexo da certeza da felicidade, do Eterno, e é formada por certeza e por vontade de caminho [uma certeza que nos põe em caminho], de consciência do caminho que se está a realizar [...]. “Com esta letícia é possível olhar com simpatia para tudo” [com letícia, com esta letícia é possível gerar as coisas de outra forma] [...], porque olhar com simpatia para alguém que é antipático é gerar uma coisa nova no mundo, é gerar um acontecimento novo. A letícia é a condição para a geração, a alegria é a condição para a fecundidade. Ser alegres é condição indispensável para gerar um mundo diferente, uma humanidade diferente. Mas nesse sentido temos uma figura que devia ser de consolação para nós ou de consoladora segurança, que é Madre Teresa de Calcutá. [...] A sua letícia é geradora, fecunda: não move um dedo sem que mude alguma coisa. E a sua letícia não são as maçãs do rosto contraíndo-se num sorriso forçado, artificial, não, não, não! Toda ela é profundamente atravessada pela tristeza das coisas, como a face de Cristo [...]. [Mas] sendo a tristeza condição passageira [é] condição do caminho [...] [portanto] nem mesmo o nosso mal [nos] pode tirar a letícia; [...] a letícia é como a flor do cacto, que na planta cheia de espinhos gera uma coisa bela» (*Id.*, p. 240-241).